





·C·O·N·T·A·S·

paola zordan

ORG



*

© Dos Autores - 2024

Projeto gráfico, diagramação e layout de capa: FABIANO NEU

Todas as fotografias sem referência são da autoria de PAOLA ZORDAN

*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C759 Contas / Paola Zordan, organização; Fabiano Neu, projeto gráfico, diagramação, layout de capa. Dados eletrônicos (1 arquivo). – Porto Alegre: UFRGS/IA, 2024.
131 f. : il., color.

Formato: pdf
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

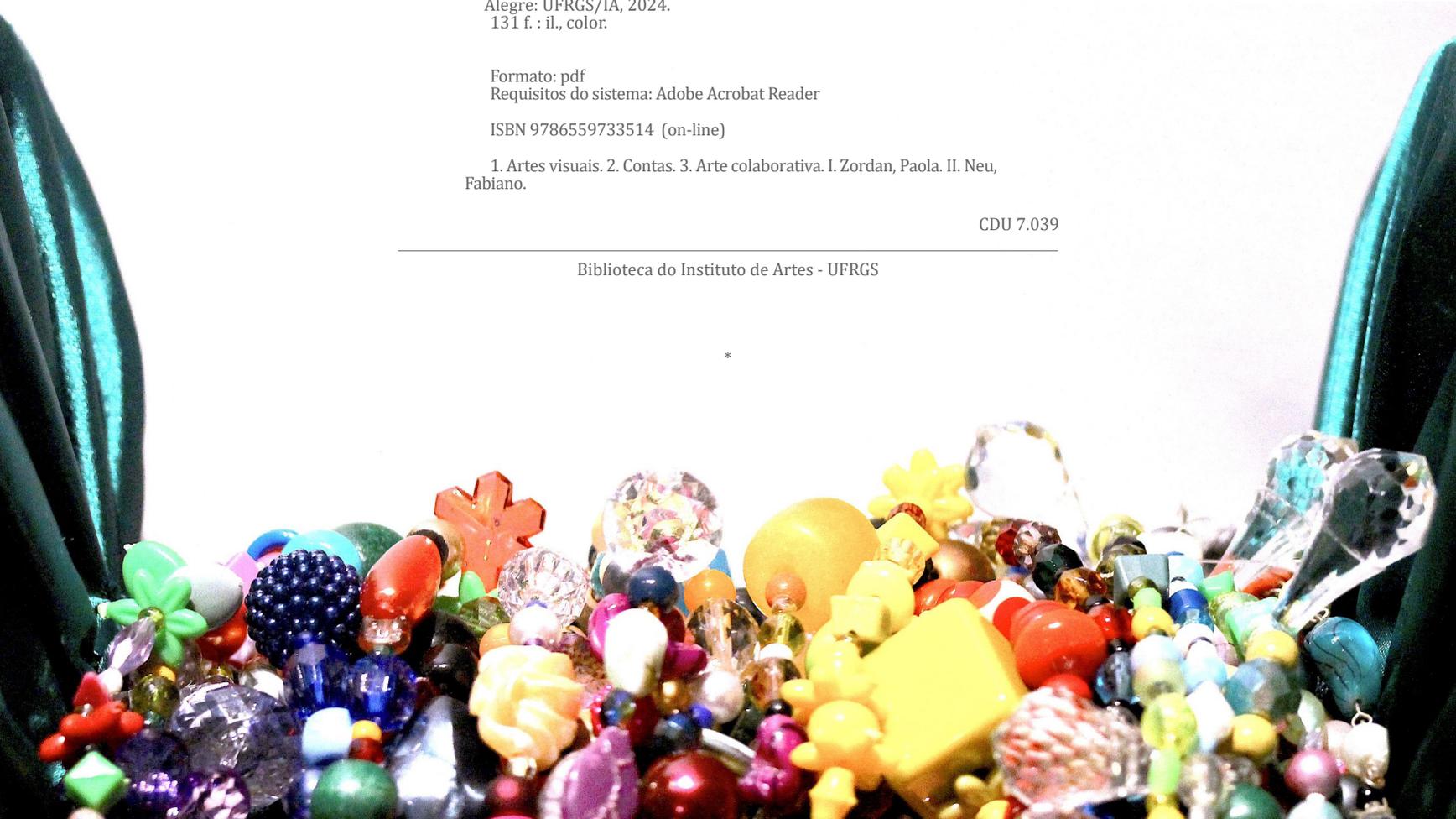
ISBN 9786559733514 (on-line)

1. Artes visuais. 2. Contas. 3. Arte colaborativa. I. Zordan, Paola. II. Neu, Fabiano.

CDU 7.039

Biblioteca do Instituto de Artes - UFRGS

*





Dos fios e das contas

PAOLA ZORDAN

Conte com as circunstâncias, que também são fadas. Conte com o imprevisto.

MACHADO DE ASSIS
[Cap. 115 de Esaú e Jacó]

Tudo começou com uma meditação, uma peça de madeira sugerindo um Buda. Resgatei uma velha referência, aprendida com barbantes sobre a mesa da Escolinha de Artes de UFRGS, de desenhar com um fio. A intuição inicial era unir, em um único fio, colares não mais usados e desenhar um labirinto, recitando a obra de *Desenhando com terços*, de Márcia X. Acabou, sem nunca acabar, num só fio, com quase 300 metros de comprimento. A variedade de contas produz linhas cujas múltiplas composições possíveis têm cores, texturas e formas diferentes. Depois de alguns nós, quando o fio estava com menos de 50 metros, foi preciso preparar um carretel para lidar com sua materialidade singular, propícia aos nós. O fio de contas, intuído meditativamente em dois mil e dezessete, cresceu em encontros em caráter de extensão universitária entre dois mil e dezoito e dois mil e dezenove, no qual pessoas, até os tempos pandêmicos, sentavam juntas para contar a sua vida e seus problemas. Esse fio, que emenda diversos segmentos em modo contínuo, hoje enrolado num carretel, se desenrola em diversas possibilidades de desenvolvimento poético, se abrindo a conversas e novas configurações para além do objeto plástico, performático, fotográfico, literário e audiovisual.

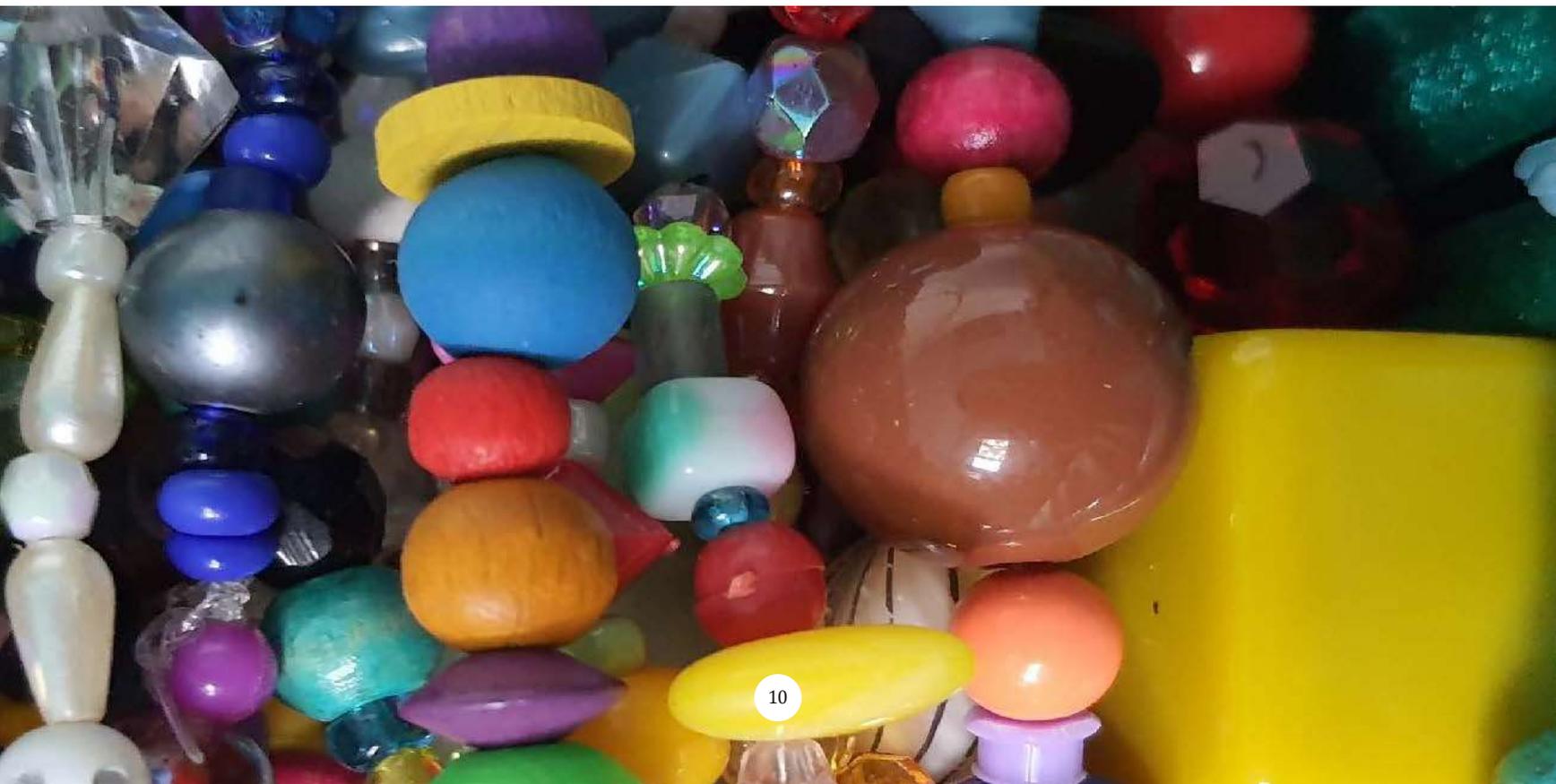
Muitas coisas desse fio vieram. Os nós deixaram de ser um desafio material para se tornarem conexões afetivas. Dos muitos segmentos e dos segmentos que começaram a surgir em encontros com pequenos grupos, em ações de extensão, pesquisa e orientação, no Canto eXquiZ (pequeno apartamento que providenciei para atividades que a inacessibilidade dos espaços na Universidade dificulta), um projeto aconteceu. Os múltiplos sentidos das CONTAS, tal como anteriormente podemos encontrar no livro *Canto Contos*



Contas de Viga Gordilho (2004), dão nomes, inspirações e matérias para trabalhos interativos e dialogais, como os que esta publicação apresenta. Aqui se emendam poeticamente quem com fios e contas se deparou.

De fato, para Els Lagrou, as contas “interligaram o mundo” (2016, p. 10). No catálogo da exposição *No caminho das miçangas*, ocorrida Museu do Índio, 2015, a antropóloga apresenta o potencial artístico de artefatos com contas. Datadas de até cem mil anos atrás, quando feitas de conchas, pela junção de contas podemos contar a história do mundo. Contas de pedra polida, criadas há cerca de dez mil anos, oferecem seu *design* para a roda, cuja invenção data há cinco mil anos atrás.

As contas de vidro, anteriormente faiança, surgem com nossa civilização mercantil moderna. Há um grande paradoxo neste simples objeto de escambo colonizador, a miçanga de vidro, a qual remete às contas presentes em diversos povos desde as culturas neolíticas. Lagrou observa a incorporação desta peça, que trata como “objeto-conceito-relação”, entre os Kaxinawa, justo aquele povo amazônico que ofereceu ayahuasca para Irineu Raimundo Serra, que veio a ser o Mestre do Santo Daimé, re-liquação presente nos afectos que aqui se constituem. Entre transes religiosos, práticas e rezas, curas e encontros, mais do que mostrar a lógica relacional de colares e adereços de continhas coloridas, os textos e imagens aqui reunidos se traduzem em multiplicidades sincréticas, amizadas,





coleguismo, além de se materializarem em ilekês, japamalas e outros rosários. Ao se considerar a amplitude do que significa “contar”, que tanto implica contar os segmentos e as contas do colar como compartilhar experiências, objetos como terços, japamalas, a *tasbih* islâmica, fazem perguntar o que é uma oração, um rosário, uma contagem de perdões, quase uma contagem de itens neste “operador relacional”, como indica Lagrou. Considerar ou manter uma pessoa ou coisa em mente, seja com propósito, seja como afeto presente em nosso pensamento ou coração, também é “contar” com essa pessoa. De alguma maneira, ‘ter’, ‘ser’, ‘existir’, passa a implicar uma contagem.

A presente publicação parte da mostra C.O.N.T.A.S. no Centro Histórico Cultural Santa Casa, ao longo do verão de dois mil e vinte e três, em Porto Alegre, produção cultural de Viviane Possa, a qual envolveu um convite a Diego Groisman, que articulou ao projeto Andrei Moura, Paula Ramos e Rafael Muniz. Juntamos aqui o texto crítico afetivo de Paula Ramos e o texto advindo da pesquisa curatorial de Andrei Moura ao diálogo com diversas obras, todas abertas a participações e encontros. O que vem a ser arte, o que implica ensinamentos e aprendizagens, as relações com instituições educacionais e comunidades, o que envolve a própria vida, tudo se soma ao que se articulou na exposição C.O.N.T.A.S. Esta mostra se deu com a instalação do fio e um vídeo com a passagem ampliada de cada conta e penduricalho do fio de contas, se desdobrando nas conexões da presente publicação, agregando aos textos curatorial e crítico experimentações plásticas, visuais, performáticas e literárias que o projeto



desenrola em conversas, aproximações e sincronias. Assim, encontramos as contas da exposição de Rafael Muniz, *Terra de Aluvião*, cujo trabalho advém das aulas de Viga Gordilho, colega da Universidade Federal da Bahia, a quem convidamos a prefiar o conjunto. Deste colar de contas, guia, ilekê que traz a umbanda para a produção poética, aliamos o texto poema performático escrito por Claudia Zanatta, orientadora de Rafael, expressando um conjunto que cria uma composição plena de interlocuções e cruzamentos. As filiações institucionais entre orientadores e orientandos se expressam em amizades intelectuais e vínculos aberto à múltiplas espiritualizações. Embora não se pretenda uma publicação estritamente acadêmica, todas as relações aqui enredadas perpassam trocas implicadas pela Universidade

Federal do Rio Grande do Sul em suas muitas possibilidades transdisciplinares e parcerias, ainda que com base no campo ampliado das Artes Visuais. Nas encruzilhadas de rezos e linhas tudo se conecta ao segmento contínuo do fio, o qual inclui os cento e oitenta e cinco centímetros de comprimento que fiz em transmissão ao vivo no canal *Cidadania e Arte*, a convite de Claudia, para a Vigília de oito de março de dois mil e vinte e um. Foi uma ação ativa por vinte e quatro horas em prol da vida das mulheres e outras questões feministas. Enquanto outras mulheres falavam, optei por calar e focar a câmera nas mãos que colocavam contas no fio. Durante minha silenciosa feitura, sem combinarmos nada, sem uma saber da outra, Patrícia Vianna Bohrer, leu cento e oito nomes de vítimas do feminicídio

segurando um japamala. A partir desta ação, a primeira em que o fio de contas foi exibido publicamente, as contas de cerâmica de Mariana Wartchow, também orientanda da Claudia em seu Trabalho de Conclusão de Curso, que cria grandes japamalas feitos em ações participativas e envolvimento com estudos budistas, entraram no diálogo. As contagens de vítimas da pandemia, com o projeto coletivo *Quase Oração*, articulado por Diego Groisman, Andrei Moura, Cristina Ribas e Patrícia Rangel, com a participação de centenas de pessoas, geraram novas questões e diálogos. Fui convidada a participar desta ação política performática, a qual compreendi como reverberação dos elementos que o projeto contas (cujo fio passou a ser construído apenas isoladamente nos tempos pandêmicos) pontuava. Pensar a contagem, como uma reza em prol de vítimas, possibilitaram as trocas que vieram constituir a curadoria da mostra C.O.N.T.A.S. em conversas com Diego Groisman, orientado por Paula Ramos, a partir da abertura para uma performance na Casa de Cultura Mario Quintana, em outubro de dois

mil e vinte dois. Ana Hoffmann, produtora de figurino que orientei em suas pesquisas de mestrado e doutorado, aceitou o desafio de me vestir, performaticamente, com esse fio comprido, criando um acontecimento outro com esse objeto, que pode ser compreendido e vivido de muitos modos. Ana, professora da Universidade FEEVALE, também se soma às linhas que as CONTAS estendem até a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, via o Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura, NUTAL/DEDS, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, aproximando atuações e pesquisas entre a comunidade externa e Universidades distintas.

Ações em conta, contas em ação, o que vem a ser “contar”, constituem obras cuja ação envolve contar tanto como técnica de concentração emocional e mental quanto partilhas de experiências, sem excluir as contagens numéricas.

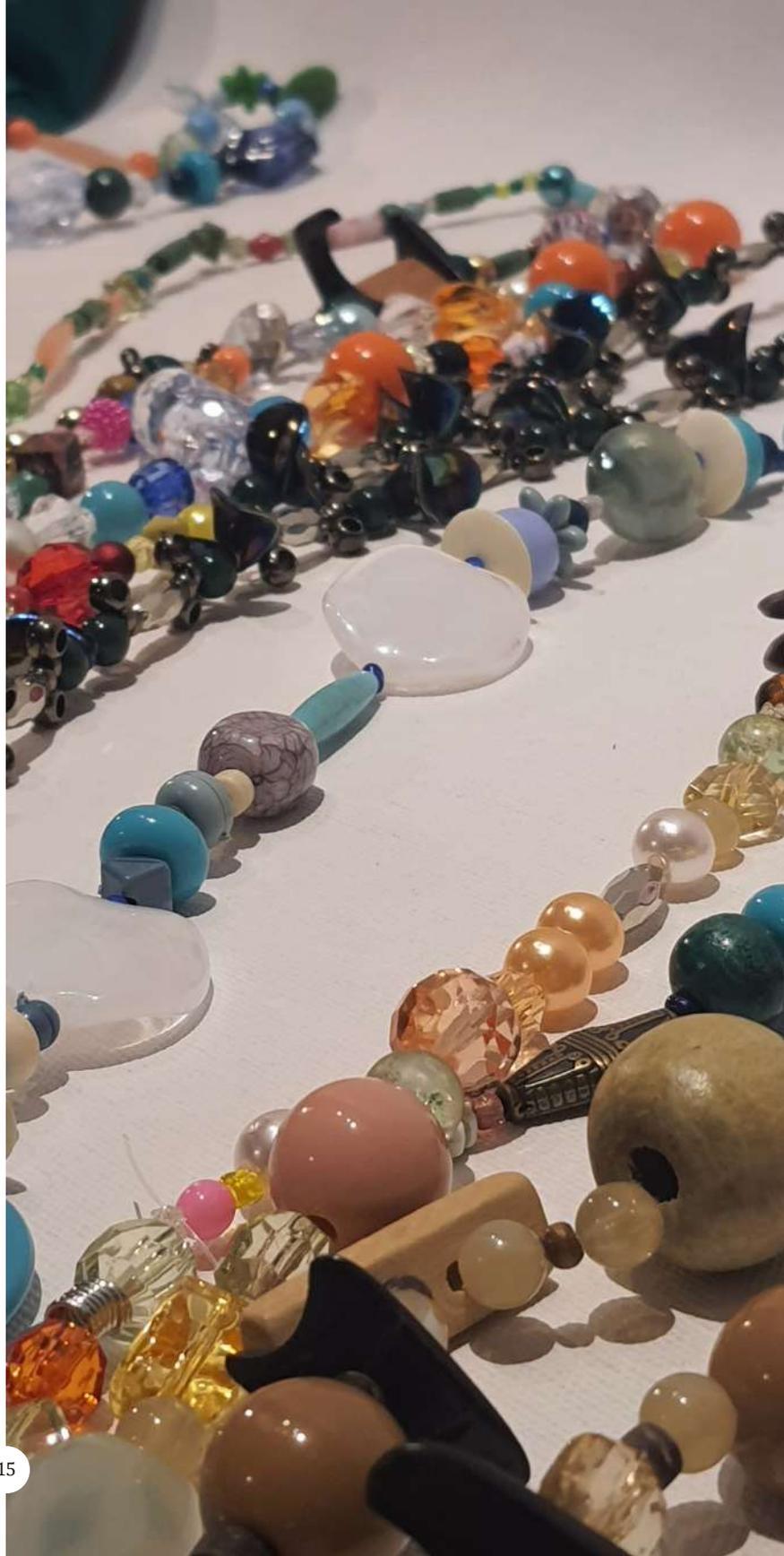


Tanto que as primeiras considerações de cunho acadêmico em torno deste projeto foram publicadas junto à interlocuções com pesquisadores do campo da Matemática, em especial no diálogo filosófico com o colega da linha de pesquisa *Escriteiras, Artistagens, Variações*, no Programa de Pós-graduação em Educação, Samuel Bello. No texto publicado no livro organizado por Samuel, além de pensar o que está conceitualmente implicado numa linha, num fio, faço um levantamento de trabalhos artísticos que envolvem a temática e discuto possíveis apropriações, após a primeira submissão deste projeto, em dois mil e dezenove, para uma convocatória aberta. Pensar apagamentos e infâmias de um estado de submissão, seja enquanto mulher, enquanto professora, enquanto corpo submetido à instituições (a contagem de pontos envolvida nas avaliações institucionais), seja perante o arbítrio alheio, seja nas relações de ensino, seja nas sujeições da produção intelectual e artísticas, faz das contas e do contar um expurgo das opressões vividas: o rosário penitencial imbuído nessas práticas.

Quando compreendida como “palavra-gesto-relacional” (Zordan, 2020), CONTAS trazem elementos para se discutir as subjetivações implicadas no que se conta, em quem se conta e como cada um lida com tudo isso. Contas todo mês a se pagar, as contas do que se consome, as contas que nos consomem na contabilidade doméstica e empresarial. *Ajuste de contas, Acertos de contas*, são repetidos títulos de livros nacionais e estrangeiros que encontrei na busca pelo livro *As contas do meu rosário são balas de artilharia*, de Liane Susan Muller, que trata da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre. Além de ser de interesse da minha pesquisa, em andamento, em torno de contas e tarôs, este livro, esgotado, embasa tópicos das disciplinas de Educação para Relações Étnico-Raciais, ERER, tendo uma a meu cargo no Departamento de Artes Visuais da UFRGS. A história das cidades brasileiras é marcada por processos de

exclusão da população negra, sendo estratégico conhecer os modos pelos quais os descendentes de africanos fizeram valer seus direitos à liberdade e uma dignidade econômica comunitária.

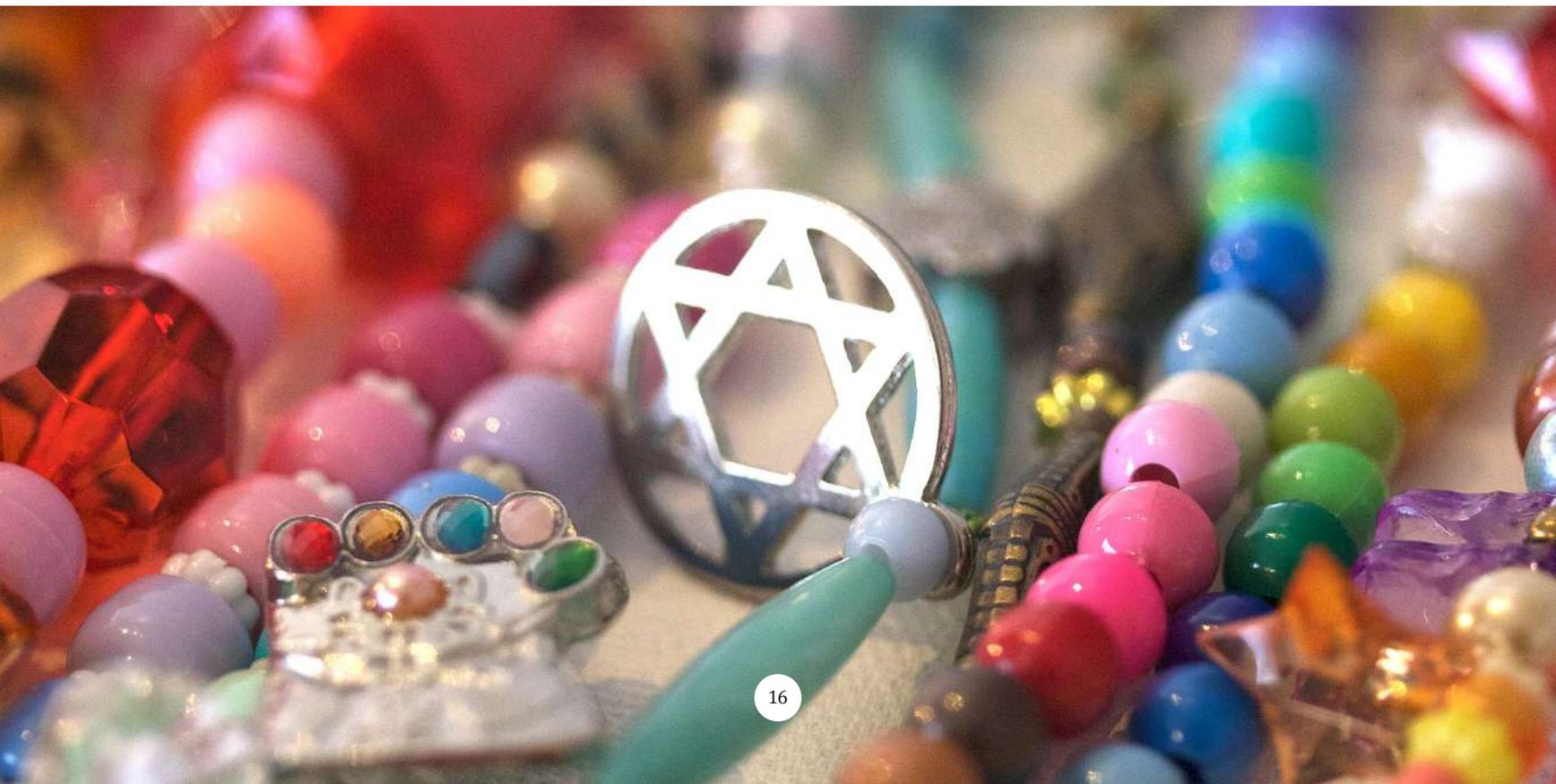
O que se contabiliza expressa valores e conta um modo de se viver. Nestas junções de embates e lutos, a exemplo do projeto *Quase Oração*, e lutas, como as envolvidas nas pesquisas aqui enredadas, o fio se desdobra naquilo que não é apenas sua amarração de segmentos, dando a ver histórias, memórias e forças coletivas. Como o diálogo com Patrícia Bohrer revela, tratam-se de práticas ancestrais, que produzem bens imateriais, a exemplo de seu projeto no Instituto Curicaca, com artesãs da região do litoral norte do Rio Grande do Sul, que se unem para trançar as palhas de butiá juntas. Ao criar uma linha aberta à companhias e agrupamentos, proporcionando espaço para conversas, histórias contadas, contos, contagem de problemas, *contações*. Laços familiares e suas linhagens, presentes nas contas originárias, aqui se expressam tanto no texto de Lucas Peiter, desafiado em sala de aula para esta escrita, no *Seminário Avançado Essa Senhora: Doida, Vadia*, Professora, como no que Vika Martins dedica a sua irmã, a escritora Taiane Martins. Pelas linhas literárias do projeto concluo o texto de apresentação com a reprodução do poema, *O cobrador*, rimas de Sergio Capparelli, encontrado no livro *111 poemas para crianças*, o qual funciona nas visitas mediadas para pequenos escolares junto às instalações expositivas do fio. Assim como a epígrafe de Machado de Assis, tais versos são sincronias dos invisíveis fios que



interligam a tudo, como o colar tecido pela *Canção Peregrina* da potiguara Graça Graúna, que apareceu em meu dispositivo eletrônico após o envio dos convites para a abertura da exposição C.O.N.T.A.S. “com muitas histórias e diferentes etnias” essas sincronias ecoam os sonhos de muitos povos “excluídos”.

CONTAS, enquanto projeto ligado a uma pesquisa acadêmica transdisciplinar, ainda que focada nas Artes Visuais, mapeia artistas e obras que trabalham com contagens e contas, com fios e redes, rendas e remendos. Algumas das questões aqui pensadas tem outros artistas, como On Kawara, Roman Opalka, Sônia Andrade, que fez uma instalação com cinco décadas de contas pagas, como referências para diálogos,

as quais explico com mais detalhes num texto que exploro algumas das muitas implicações matemáticas do trabalho (Zordan, 2022). Outros artistas, como André Vargas, cujos trabalhos com contas possibilitam discussões decoloniais e Diana Einsberg, aparecem com o uso de contas em seus trabalhos, fazendo das coincidências e absorções atravessamentos que expandem o tema para além dos projetos aqui apresentados. Todos amigos que visitam o MALBA, Museo de Arte Latina Americana de Buenos Aires, me enviam fotos da *Galaxia Sombrero* de Daniel Joglar, um móbile construtivo que tem contas como material, datado de 2009, que compõe a sessão *Transformar el dispositivo* na mostra da Coleção Costatini, em exibição de agosto de 2022 a setembro de 2023. Como procedimento de



pesquisa, obras e artistas em diálogo constituem os inventários de precursões e coincidências que todo projeto artístico implica. Outros trabalhos que realizo, como os projetos TEIA, AMARRRAS, NÓS, também envolvem participações, trocas, constituição de grupos que se atam e desatam, encontros em sala de aula, multiplicidades de possíveis para uma instalação, intercâmbios

sentido e a coerência entre tudo o que existe, buscando descobrir os segredos das relações existentes entre todas as coisas, inclusive as que nos complicam. O livro foi um dos tantos presentes de Paula, afirmando, nas relações entre conceitos, matérias e tramas, o que o projeto CONTAS liga, interliga, religa e elabora no sincretismo que “nos une”. Trago a expressão inicial do



entre ambiências e o que a obra, enquanto suporte material aderente a corpos e espaços, dispõe, se somam ao presente projeto.

Com Herman Hesse, no livro *O jogo das contas de vidro* (2020), escrito durante a Alemanha nazista, especulamos que as contas ao criam um sistema que expressa o

Manifesto Antropófago não apenas porque estamos “contra” as usuras da Terra, as catequeses e as roupas que mal nos cabem, mas porque afirmamos uma arte gaia, plena dos paradoxos de suas próprias e falhas definições. Sejam filosóficas, sociais ou econômicas, o que se define num conceito não pode estancar seu



devir, a potência estendida a novos conceitos e criações. A palavra geoplástica, criada para dar conta de produções ecosólicas de cunho tecnoxamânico, com perspectivas contracoloniais, responde aos desígnios de pesquisa e a mostras de trabalhos artísticos em espaços tanto convencionais como não usuais. Sem relações, sem presenças e presentes, nenhum conceito realiza aquilo que veio a ser: um modo do pensamento lidar com o caos das matérias nos dadas em vivências práticas. No entanto, o que vivemos, em todas oficinas, conversas, encontros de almas, mudanças de espaços, montagens de exposições, entre tantas outras coisas, não cabe num conceito, muito menos em uma palavra, mesmo que esta palavra, a exemplo de CONTAS, possa ser desdobrada em miríades de trabalhos e situações. Passamos por acidentes, mortes, doenças, festas, danças e comilanças. Tudo o que passa, se conta. Mas também há o que, apesar da infinidade do fio e proliferação das tramas, não se consegue contar. E nesse jogo entre ditos, não ditos, entre toques e recolhas, entre enovelamentos e desenlares, rimos, choramos, aprendemos. As trocas, ligações, pressentidas enquanto brincadeira, mesmo nas histórias mais tristes, nas histórias todas contadas em roda, é o que efetivamente, sem nos determos nos metros e unidades, o que conta.

O cobrador

Sergio Capparelli

*A cobra foi cobrar as contas
Que ela tinha de cobrar.*

*Eram tantas, tantas contas
Todas contas de um colar.
Mas para cobrar essas contas,
As contas tinha que contar.*

*Contas e contas contou,
Nenhuma sem descontar.*

*E bem tonta, afinal de contas,
A cobra começou a errar.*

*Contava errado, descontava,
Contava de novo, somava.*

*E então, como num conto,
Rompeu-se o fio do colar.*

*E as contas todas, de repente,
Caíram, sem conta, a rolar.*

*E a cobra, assim, tonta, tonta
Tonta, tonta, se pôs a chorar.*

